

UM NOVO CONCEITO DE QUADRINHOS: AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO UM SISTEMA SEMIÓTICO PARTICULAR¹

A NEW COMICS CONCEPT: THE COMICS STORIES AS A PARTICULAR SEMIOTIC SYSTEM

DOI: 10.19177/memorare.v7e1202099-115

Alex Caldas Simões²

Resumo: Em nossa pesquisa, pretendemos apresentar um conceito de histórias em quadrinho (HQ) que possa abarcar tanto os gêneros de cunho narrativo, tais como a tira cômica, o cartum e a charge, como os gêneros de cunho não narrativos, como a caricatura, a ilustração e o retrato falado. Como sabemos, tal expansão conceitual é perfeitamente possível, uma vez que McCloud (1995, p.23) já afirmava que “[...] a tentativa de definir os quadrinhos é um processo contínuo que não terminará logo. Uma outra geração, sem dúvida, vai rejeitar o que esta decidiu aceitar e tentará reinventar os quadrinhos.” Sendo assim, antes de apresentá-lo como uma semiótica particular, situaremos as HQ no ensino e na academia, bem como faremos uma revisão bibliográfica dos conceitos de HQ postulados por Eisner (1999), McCloud (1995) e Ramos (2009). Tal revisão nos dará subsídios para postular um novo (ou mais amplo) conceito de quadrinhos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Conceitos. Semiótica.

Abstract: In our research, we intend to present a concept of comics (HQ) that can encompass both narrative genres such as comic strip, cartoon and cartoon, as non-narrative genres such as caricature, Illustration and others. As we know, such conceptual expansion is perfectly possible, since McCloud (1995, p.23) already stated that “[...] the attempt to define comics is a continuous process that will not end soon. Another generation will undoubtedly reject what it has decided to accept and will try to reinvent the comics.” So, before presenting it as a particular semiotic, we will situate comic books in teaching and academia, as well as review the literature. comic book concepts postulated by Eisner (1999), McCloud (1995) and Ramos (2009). Such a review will give us insights to postulate a new (or broader) concept of comics.

Keywords: Comics. Concept. Semiotic.

1 INTRODUÇÃO

¹ A pesquisa aqui apresentada corresponde a um dos núcleos de discussão da tese de doutorado “A Estrutura Potencial do Gênero (EPG) e o ensino explícito de gêneros do discurso: a configuração dos gêneros de tiras e o ensino de língua portuguesa”, defendida em 2018.

² Professor efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/PDSE). Atualmente realiza estágio de Pos-doutorando na Universidade Federal de São Paulo. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV/CAPES/REUNE) e Graduado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: axbr1@yahoo.com.br.

Ainda hoje, apesar do aumento das pesquisas acadêmicas sobre *quadrinhos* (RAMOS, 2012), há dúvidas sobre o que eles vêm a ser efetivamente ou como se diferenciam os gêneros que utilizam sua linguagem (RAMOS, 2009). Ao que parece, pesquisa-se muito *com o quadrinho*, mas não *sobre o quadrinho*, sua natureza, sua singularidade e peculiaridade. Livros didáticos, jornais, provas de vestibular, ENEM e ENADE, sem grande surpresa, costumam chamar charge de tira de quadrinhos ou quadrinho; quadrinho de tira ou tira de quadrinho, entre outros (RAMOS, 2009). Como se pode perceber, “distinguir esses gêneros é difícil, [até] mesmo para os profissionais da área” (MENDONÇA, 2002, *apud* RAMOS, 2011, p. 84). Acreditamos que parte da confusão persiste em razão do conceito de *quadrinho* adotado pela mídia ou academia. Os conceitos tendem a se sobrepor, o que dificulta a classificação dos gêneros discursivos que, de fato, podem ser identificados como pertencentes ao grupo de textos conhecidos, ou reconhecidos, como *quadrinhos*. Discute-se muito sobre sua linguagem, mas pouco sobre a natureza epistemológica do termo. Esses conceitos são fluidos, imprecisos. Mesmo existindo definições plausíveis, ao que parece, o conceito de *quadrinho* é como o conceito de *literatura*, não se sabe muito bem o que é – arte, ciência... quem sabe? Apesar disso, é crescente o número de pesquisas sobre os quadrinhos na universidade, em especial nas áreas de história, linguagem e educação (VERGUEIRO; RAMOS; CHINEN, 2013), como atestou a I Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, realizada em 23 a 26 de agosto de 2011 na Universidade de São Paulo (USP). Desde os pioneiros – Álvaro de Moya, Antônio Luiz Cagnin, José Marques de Melo, Moacyr Cirne, Sonia Bibe Luyten e Waldomiro Vergueiro –, pesquisar quadrinhos hoje tem sido mais fácil. Mas nem por isso menos complexo.

Em nossa pesquisa, pretendemos, após situar os quadrinhos na escola e na academia, apresentar um conceito de quadrinho que possa abarcar tanto os gêneros de cunho narrativo, tais como a tira cômica, o cartum e a charge, como os gêneros de cunho não narrativos, como a caricatura, a ilustração e o retrato falado. Como sabemos, tal expansão conceitual é perfeitamente possível, uma vez que McCloud (1995, p.23) já afirmava que “[...] a tentativa de definir os quadrinhos é um processo contínuo que não terminará logo. Uma outra geração, sem dúvida, vai rejeitar o que esta decidiu aceitar e tentará reinventar os quadrinhos.”

Sendo assim, antes de apresentá-lo como uma semiótica particular, faremos uma revisão bibliográfica dos conceitos postulados por Eisner (1999), McCloud (1995) e Ramos (2009). Tal revisão nos dará subsídios para identificar a emergência de um novo (ou mais amplo) conceito de quadrinhos, mais adaptado às necessidades de pesquisa e investigação em gêneros do discurso e ensino de língua portuguesa – nossa área de pesquisa.

2 QUADRINHOS: DO CONCEITO À NECESSIDADE DE ESTUDOS MAIS APROFUNDADOS

Apresentamos abaixo, brevemente, a relação dos quadrinhos com o ensino de língua portuguesa, bem como os diversos conceitos de Quadrinhos e aquele adotado em nossa pesquisa. Objetivamos com essa discussão, apesar de aparentemente distante, explicar a relação dos quadrinhos com o ensino e a necessidade de estudos mais amplos e profundos na área. Portanto, devido a sua profusão no ensino de língua portuguesa – como apresentaremos –, argumentamos que é preciso um novo conceito que abarque novos objetos de estudo. A subseção abaixo se divide em: (1.1) O ensino de língua portuguesa e os quadrinhos; (1.2) Afinal, por que quadrinhos no ensino; (1.3) Os quadrinhos na escola; (1.4) Os quadrinhos na academia; (1.5) Revisitando os conceitos de quadrinhos; e (1.6) Os quadrinhos como uma semiótica particular. Ao final apresentamos uma de nossa discussão e algumas considerações.

2.1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS QUADRINHOS

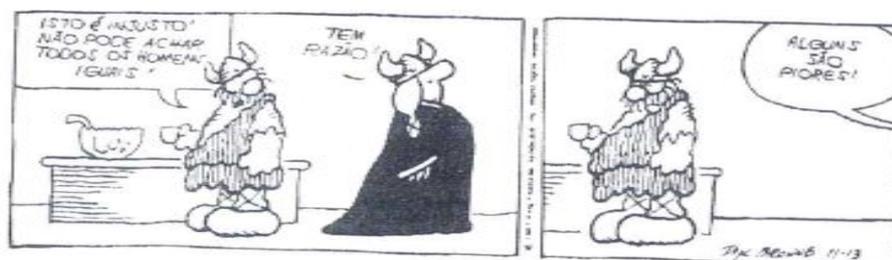
Por muito tempo, os textos conhecidos sob o grande rótulo “quadrinhos” foram ignorados das práticas de ensino. Na década de 1940, eles foram até considerados leitura imprópria para os adolescentes e jovens (VERGUEIRO, 2009a) e vistos como uma leitura menor, com desenhos ruins, baratos e descartáveis (MCCLLOUD, 1995). Nas aulas de língua portuguesa, os quadrinhos, por não apresentarem as propriedades generalizadoras das classificações tipológicas narração descrição e dissertação, eram esquecidos (ROJO; CORDEIRO, 2004). Eram marginalizados e colocados em atividades de leitura recreativa, sem maiores objetivos, geralmente no intervalo ou final das aulas, como se tal gênero discursivo não fosse digno de figurar no cânone dos textos a serem estudados pela escola.

Durante a década de 1980-1990, os quadrinhos foram inseridos nos livros didáticos como uma tentativa de modernizar o ensino, o que não ocorreu efetivamente, pois sua utilização no ensino não seguia a modernidade das reflexões linguísticas vigentes (NEVES, 2000). Durante essa época, utilizava-se o texto apenas como pretexto para o trabalho com a gramática normativa. Os quadrinhos eram retirados de seu suporte original, reorganizados e fragmentados, e inseridos em um novo

ambiente didático – como provas ou livros –, perdendo, muitas vezes, sua configuração original e significação macroestrutural.

Neves (2000) ilustra muito bem essa realidade (Fig. 1):

Figura 1 - O enunciado do exercício: “aponte e classifique todos os pronomes presentes nos quadrinhos”



Fonte: NEVES, 2000, p. 73

Os exercícios das aulas de língua portuguesa construídos a partir dos quadrinhos – e podemos dizer também a partir de qualquer outro texto – se importavam apenas com a microestrutura textual e sua descrição gramatical. As frases eram extraídas como se “o texto fosse peça morta, simples registro gráfico extenso do qual se pode tirar um ou outro pedacinho, para dar nome a certas palavras que nele ocorrem.” (NEVES, 2000, p. 72).

Durante a década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o ensino de língua portuguesa se reorientou para o trabalho com os gêneros do discurso. Ficou cada vez mais claro para os professores de língua materna que o objeto de estudo e ensino de suas aulas é o texto e que este deve ser instrumentalizado nas práticas de ensino por meio da noção de gênero discursivo, pois é a partir do gênero que o trabalho com as práticas de linguagem (leitura, escrita e análise linguística) deve ser realizado. Tal compreensão permitiu que os quadrinhos e outros textos, até então marginalizados, fossem levados à escola. Dessa forma, o cânone de textos escolares, predominantemente literário, foi aberto e hoje cada vez mais é preconizada a diversidade textual. Já há algum tempo, sabe-se que o objetivo das aulas de língua materna não é ensinar sistematicamente gramática normativa ou ensinar gêneros – como se estes fossem substitutos modernos do que se fazia anteriormente –, mas desenvolver, de forma crescente e gradativa, as competências de leitura e escrita, ensinando a ler, a escrever e a refletir sobre a língua, o que nada mais é do que desenvolver o letramento (BAGNO, 2011) ou os multiletramentos (ROJO, 2012) nos mais variados contextos.

2.2 AFINAL, PORQUE QUADRINHOS NO ENSINO?

Acreditamos que, por sua natureza multimodal e pluricultural, os quadrinhos, juntamente com os demais textos contidos em jornais e revistas, são ideais para o ensino de língua portuguesa, o que evidencia a necessidade de maiores estudos. Dentre as razões apresentadas em consenso entre os pesquisadores de Quadrinhos, destacamos, conforme Vergueiro (2009a):

- *Os estudantes querem ler quadrinhos, uma vez que este texto já faz parte do cotidiando de muitos alunos e estes se identificam com os ícones da cultura de massa;*
- *A conjugação de palavra e imagem ensina de maneira mais eficiente, o que eleva a comunicação a um novo nível;*
- *Há um alto nível de informação nos quadrinhos, abarcando desde temas cotidianos a polêmicas sociais e políticas;*
- *Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento dos hábitos de leitura;*
- *Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes;*
- *A linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e a imaginar;*
- *Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.*

2.3 OS QUADRINHOS NA ESCOLA

Os Quadrinhos estão na escola, inclusive sob orientação dos PCN. Na área de Artes para o 6º e 9º ano, o aluno deve “ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10). Na área de língua portuguesa, o aluno deve realizar uma leitura crítica de charges e tiras (VERGUEIRO; RAMOS, 2009). No ensino médio, os PCN “destacam a importância dos diversos gêneros dos quadrinhos como fontes históricas (2008:73) e de pesquisa sociológica (2008:73). No segundo caso, assinalam que charges, cartuns e tiras são ‘dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor’.” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 11).

Nos anos 2000, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE, 2006-2014³) tem incentivado o uso de quadrinhos por entender que tais gêneros – sejam eles tiras, charges, cartuns, adaptações literárias ou outros – representam, assim como o cinema, a pintura e a escultura, formas contemporâneas de linguagem que devem ser significadas pelo aluno.

No que diz respeito aos diferentes níveis de ensino, podemos observar que os gêneros dos quadrinhos podem ser utilizados em todos os níveis. Na educação pré-escolar e infantil, os gêneros dos quadrinhos auxiliam os alunos no desenvolvimento de habilidades motoras e emocionais, o que os transforma em objeto lúdico (VERGUEIRO, 2009a). No ensino fundamental I (1º ano ao 5º ano), são utilizados para realização de trabalhos que utilizam a linguagem quadrinística na (re)contação de histórias (VERGUEIRO, 2009a). No ensino fundamental II (6º ano ao 9º ano), os gêneros dos quadrinhos são observados em sua singularidade, sendo identificados detalhes das obras, segmentação de mercado e especificações de linguagem (VERGUEIRO, 2009a). No ensino médio, auxiliam os alunos no entendimento de si próprios e da sociedade, ao observarem que personagens, situações e atitudes se relacionam com a realidade que os rodeia.

Como se vê, cada vez mais é compreendido que os quadrinhos são gêneros discursivos relevantes para as práticas de ensino em todos os níveis. Dessa relevância, surge a necessidade de uma alfabetização nos quadrinhos (VERGUEIRO, 2009b), cada vez maior e contínua. Nesse sentido, também surge a necessidade de revisão do conceito de quadrinhos a fim de atualizá-lo as novas proposições teóricas da área de quadrinhos e do ensino de língua portuguesa. Dessa forma, passamos abaixo a resenhar os principais conceitos de quadrinhos.

3 REVISANDO O CONCEITO DE QUADRINHOS

Antes de apresentar as histórias em quadrinhos *como uma semiótica particular*, faremos abaixo uma revisão bibliográfica dos conceitos postulados por Eisner (1999), McCloud (1995) e Ramos (2009). Tal revisão nos dará subsídios para identificar a emergência de um novo (ou mais amplo) conceito de quadrinhos, mais adaptado às necessidades de pesquisa e investigação em gêneros do discurso e ensino de língua portuguesa – nossa área de pesquisa.

3 “O PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) foi criado em 1997 na gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso. O eixo central do programa é comprar lotes de obras para serem levadas a escolas de todo país, do infantil à educação de jovens e adultos. A proposta foi ganhando maior corpo com o passar dos anos e teve um sensível aumento no número de livros nas duas gestões de Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2006 / 2007-2010).” RAMOS, 2012, p. 223).

3.1 WILL EISNER (1999)

Na obra *Quadrinhos e Arte Sequencial* – do inglês *Comics & Sequential Art* –, publicada em 1989, por Will Eisner, temos a primeira definição de *quadrinhos como uma arte sequencial* (EISNER, 1999)⁴. Em sua obra, são enfatizados, portanto, textos que se estruturam por meio de uma sequência narrativa, no caso as tirinhas de jornal e as revistas de quadrinhos de aventura, de super-heróis, etc, tais como *The Spirit*⁵ (Fig. 2), como evidenciado abaixo, muito utilizado para ilustrar as considerações do autor sobre o tema.

Figura. 2 - *The Spirit* e o conceito de quadrinhos de Eisner



Fonte: Eisner (1999, p. 21)

The Spirit foi um personagem muito popular criado por Will Eisner. Na cena acima (Fig. 2), é enfatizada a utilização de quadros ou quadrinhos – também chamados de vinheta (RAMOS, 2009) – em sequência, que, juntos, apresentam a arte do desenho para contar uma história. Eisner (1999)

⁴ Utilizamos a terceira edição da obra.

⁵ “*The Spirit* era um dos nomes de Denny Colt, um detetive policial que fora considerado morto, mas que na verdade vivia secretamente como um anônimo lutador no mundo do crime, apoiado pelo seu velho amigo e chefe da polícia de Central City, Comissário Nolan. Sua base era no cemitério da cidade. As histórias abordavam uma larga variedade de situações: crime, romance, mistérios, horror, comédia, drama e humor negro.” (WIKIPEDIA, 2015, online).

ênfatisa em sua obra a possibilidade de a imagem ser lida como qualquer obra literária. Portanto, a imagem surge na história de forma independente do texto, não necessitando dele para ser lida – como vemos na Fig. 8, onde Spirit sai do escritório, desce a escada e chega ao necrotério. Para o autor, a imagem nos quadrinhos tem um modo próprio de significar e pode ser mais bem entendida quando o leitor conhece *o tempo dos quadrinhos* e sua *anatomia expressiva*.

Pode-se ler a imagem como se lê a prosa, afinal, os quadrinhos “empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis.” (EISNER, 1999, p. 8), como as linhas de movimento na Fig. 8 acima. Eisner (1999, p. 8) conclui que, quando essas imagens são usadas muitas e muitas vezes, sempre expressando a mesma ideia (ou ideias similares), elas se tornam “uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial.”

Logo, ler quadrinhos é uma tarefa complexa que requer “percepção estética e esforço intelectual” (EISNER, 1999, p. 8). Nesse sentido, por sua complexidade, percebemos a elevação do conceito de quadrinho ao de uma arte, a Arte Sequencial, que mistura palavras e imagens, também conhecida como nona arte. Observar os quadrinhos como uma arte sequencial é entender que nesse processo há ênfase para o texto narrativo (seu conteúdo) e seus componentes (sua forma), pois são eles que ajudam a contar as histórias dos personagens. Logo, gêneros discursivos como charges e cartuns não são quadrinhos, pois tais textos não visam a narrar.

3.2. SCOTT MCCLOUD (1995)

Na obra *Desvendando os quadrinhos* – do inglês *Understanding Comics: the invisible art* –, publicada em 1993⁶, por Scott McCloud, encontramos mais uma definição de quadrinhos. McCloud (1995) considera que toda imagem pictórica posta ao lado de outra imagem que sugira uma sequência é considerada *quadrinhos*. Há aqui, portanto, um diálogo com a definição de Eisner (1999), ao mesmo tempo em que se procura expandir esse conceito para além das tiras de jornal e revistas de histórias em quadrinhos.

A definição de McCloud (1995) apoia-se prioritariamente na estrutura (ou forma) de composição do quadrinho, ou seja, no modo como se usa a sarjeta, nas molduras de tempo, nas linhas e nos traços utilizados, bem como no que é mostrado (ou não) na história e no que é dito (ou não). Nessa conceituação, é preciso que os quadros ou vinhetas (RAMOS, 2009) da história estejam

⁶ A obra foi publicada no Brasil em 1995.

justapostos e indiquem sequência (MCCLLOUD, 1995). A ênfase na sequência retira da classificação de quadrinhos textos de apenas um quadro – já que não gera sequência! –, muito comuns em charges e cartuns. Considere-se a argumentação do autor, abaixo⁷ (Fig. 9):

Figura 3 - Por que Charges e Cartuns não são quadrinhos



Fonte: MCCLLOUD, 1995, p. 20-21

McCloud (1995) não considera Charges e Cartuns como *quadrinho*. Logo, sua definição preserva a postulação de Eisner (1999), que vê *quadrinho* como Arte Sequencial. Como percebemos na Fig. 3, o autor reconhece que essa definição é produtiva, pois abre algumas portas de reflexão, ao mesmo tempo em que fecha outras. O intuito de sua obra é apresentar uma definição ampla sobre quadrinho (ver Fig. 4), muito diferente dos que julgam os não estudiosos da área, ao considerar que quadrinho é “material de consumo infantil, com desenho ruim, barato e descartável” (MCCLLOUD, 1995, p. 8):

⁷ Para quem não conhece, vale dizer que obra de McCloud (1995) é um metaquadrinho. Ao mesmo tempo em que ele conta sobre o conceito de quadrinhos e seus elementos de composição, conta uma história em quadrinho, na qual ele é o protagonista, identificado nas imagens como o rapaz de cabelos escuros, óculos e camisa xadrez.

Figura 4 - O Conceito de quadrinho é amplo



Fonte: MCCLOUD, 1995, p. 3

Toda a obra do autor (1995), como visto na imagem acima (Fig. 4), visa a desenvolver o conceito de quadrinho. Ao apontar para as estrelas, no segundo quadro da Fig. 10, o autor (1995, p. 3) nos indica que é possível (e necessário) encontrar uma definição de quadrinhos, e que seja bastante ampla – tão ampla e ilimitada como o universo.

Pensar o quadrinho como *imagens pictóricas justapostas em sequência que pressupõem movimento* (MCCLOUD, 1995) é uma definição ampla, que vai além do objeto quadrinho (Revista, Gibi ou, em outros termos, suporte). Focaliza-se, portanto, o meio em si. Nesse sentido, a definição de McCloud (1995), apesar de preservar as categorias de análise de Eisner (1999), avança. Afinal ele (1995) propõe que sejam considerados *quadrinho* textos não convencionais, que, por sua definição, não estão no suporte Revista ou Gibi, tal como as pinturas rupestres ou os hieróglifos egípcios.

Ao que parece, Eisner (1999), em sua conceituação, une forma e conteúdo, com ênfase no conteúdo (heróis, aventuras); já McCloud (1995) dissocia a forma do conteúdo, trabalhando somente com a forma, a estrutura do quadrinho. Na obra *Reinventando os quadrinhos* (2006), McCloud acrescenta à discussão já empreendida em 1995, as condições de produção das histórias em quadrinhos, tais como os direitos autorais, as inovações mercadológicas, o reconhecimento institucional e artístico, entre outros. Apesar disso, seu conceito não muda. Para conceituar o que é *quadrinho*, ele continua enfatizando a forma ou a estrutura de composição, em detrimento de seu conteúdo.

3.3 PAULO RAMOS (2009)

Na obra *A leitura dos quadrinhos*, produzida a partir de sua tese de doutorado em Língua Portuguesa (USP, 2007) e publicada em 2009 por Paulo Ramos, surge a definição de quadrinhos não como texto, arte ou gênero, mas como um hipergênero. Ramos (2009, p. 20) defende em suas pesquisas que os quadrinhos podem ser considerados, “[...] um grande rótulo, um hiper-gênero, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades.” Isso significa dizer que tiras cômicas, cartuns e charges, por exemplo, por compartilharem a *linguagem dos quadrinhos*⁸, pertenceriam ao hipergênero Quadrinhos, pelo fato de se proporem a compor um texto narrativo dentro de um contexto sociolinguístico interacional (RAMOS, 2009). Por essa razão, a ilustração e a caricatura, segundo o próprio autor, não podem ser consideradas como gêneros dos quadrinhos.

Há um avanço considerável em termos de conceituação do que é *quadrinho*. A definição de Ramos (2009) preserva o entendimento do *quadrinho* como linguagem autônoma⁹. Logo, Quadrinho é quadrinho, não é literatura, como já se pensou no passado. O quadrinho assume o caráter de uma linguagem muito particular, e, por isso, pode – e isso não é obrigatório – compartilhar elementos de outras linguagens já bastante popularizadas, como o cinema, o teatro e a literatura (RAMOS, 2009).

Definir os quadrinhos como um hipergênero, como já dito, é considerar que Charge e Cartum ingressem como objetos de estudo nas pesquisas referentes ao tema, um avanço em relação ao conceito de Eisner (1999) e de McCloud (1995), que não os consideravam objetos de análise. Ainda assim, a noção de hipergênero de natureza maingueniana concorre com a noção de suporte (MARCUSCHI, 2008). Os conceitos tendem a se sobrepor ou a se confundir. Nesse caso, em se tratando do ensino de língua portuguesa, que já vem adotando conceitos como gênero textual/discursivo e suporte, preferimos pensar como faz Bezerra (2006): adotar a noção de hipergênero na pesquisa com gêneros, sejam eles quais forem, inviabiliza o estudo do suporte ou das relações gênero-suporte ou suporte-gênero (SIMÕES; GOMES, 2011).

Dessa forma, o conceito de *quadrinho* assumido por Ramos (2009) parece mais adaptado à investigação da linguagem dos quadrinhos em gêneros textuais multimodais do que à vinculação dos quadrinhos com as práticas de ensino de língua portuguesa, que é a nossa maior preocupação no momento. Na próxima seção, apresentaremos, então, o *quadrinho* como uma semiótica particular, conceito este, ao nosso ver, mais abrangente e produtivo para a pesquisa com os gêneros multimodais, quadrinhos e o ensino de língua portuguesa.

⁸Para mais detalhes ver Ramos (2009).

⁹“A leitura de que os quadrinhos constituem uma linguagem autônoma é compartilhada com outros autores, caso de Cirne (1970), Eisner (1989), Acevedo (1990) e Eco (1993)” (RAMOS, 2009, p. 18).

4 OS QUADRINHOS COMO UMA SEMIÓTICA PARTICULAR

O conceito de *quadrinho* como *uma semiótica particular* foi apresentado pela primeira vez na dissertação de mestrado de Simões (2010) e em trabalhos pontuais sobre o assunto apresentados em congressos acadêmicos. Esse conceito tende a preservar o entendimento dos quadrinhos como uma linguagem autônoma. Mas, diferente de Ramos (2009), Simões (2010) considera os quadrinhos uma estrutura semiótica particular, que conjuga palavra e imagem (desenho) requerendo dos leitores/produtores de textos uma habilidade de interpretação conjunta entre o verbal e o visual. Isso quer dizer, portanto, que:

[...] quando identificamos uma charge como quadrinhos, estamos, na verdade, identificando sua semiótica e não seu gênero discursivo. O mesmo se dá quando confundimos gibi, *comics*, mangá e *grafic novel* com quadrinhos. Acreditamos que eles utilizam a semiótica dos quadrinhos, mas são gêneros discursivos específicos que muitas vezes ainda não foram configurados. (SIMÕES, 2010, p. 39-40).

A partir desse conceito, os gêneros do discurso que não visam a narrar, e que, portanto, não utilizam essencialmente a linguagem dos quadrinhos, podem ser considerados *quadrinhos* – ou melhor, são objetos dignos de serem estudados pela área de quadrinhos. Seria o caso da caricatura, vista como um gênero do discurso, segundo Simões (2010), e não como um recurso estilístico, segundo a perspectiva de Ramos (2007, 2009). Na condição de gênero, a caricatura (Fig. 5) visa a descrever e não a narrar, mas, por requerer dos leitores/produtores de texto uma análise conjugada de palavra e imagem, pode ser considerada como *quadrinho*. O mesmo ocorre com a ilustração (Fig. 5) ou o retrato falado (Fig. 5), que, por se pautarem na análise conjunta de palavra (texto) e imagem (desenho), também podem ser considerados como *quadrinho*.

Figura 5 - Gêneros que utilizam a semiótica dos quadrinhos.



Fonte: caricatura (MENDEZ, 1986, p. 107)

Fonte: Ilustração do Wolverine (CKM, 2010, p. 98)

Fonte: Retrato falado (LAY, 2011, *on line*)

Na época em que foi apresentada, essa definição se mostrou bem adequada e pertinente à pesquisa que se empreendia. Entretanto, hoje, parece-nos que ela carece de maior precisão teórica. Afinal, o que é considerar um texto como quadrinho?

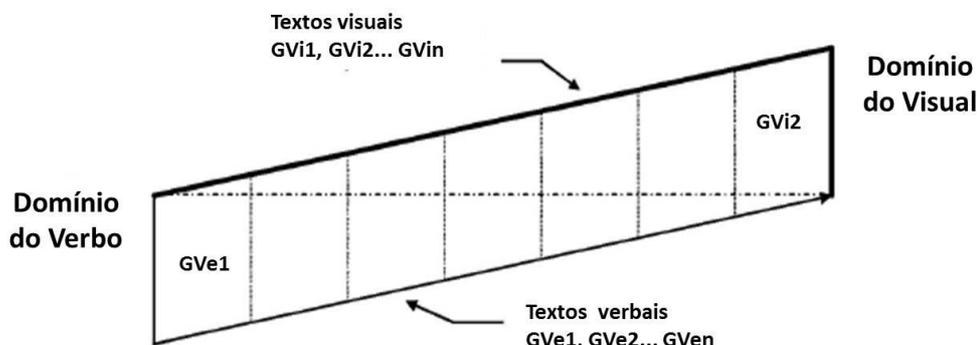
Pensar os quadrinhos como *um campo semiótico* é pensar que inúmeros gêneros textuais/discursivos podem apresentar uma significação semiótica particular que nos levem a identificá-los como *quadrinho*. Gênero textual quadrinho não existe, mas sim um gênero, muitas vezes ainda não descrito pelas ciências da linguagem, que utiliza uma semiótica particular – verbo-visual – que é reconhecido sob o nome de quadrinho, justamente por carecer de pesquisas que o nomeiem com precisão.

Nesse sentido, o que chamamos de *quadrinho é um campo semiótico, que se realiza em um contínuo de gêneros textuais/discursivos*. Logo, não se pode dizer que um texto é ou não *quadrinho* – afinal, essa visão é dicotômica e, portanto, não corresponde à visão que norteia epistemologicamente nossa definição. Há, portanto, textos que, se reconhecidos socialmente como quadrinhos, se realizam com maior ou com menor recorrência de elementos verbo-visuais da *linguagem dos quadrinhos*.

A fim de elucidar melhor nosso conceito, voltemos à ideia de contínuo. O contínuo de gêneros textuais já foi apresentado por Marcuschi (2008; 2010), em especial para o tratamento das relações fala e escrita. Agora vamos observá-lo do ponto de vista da *semiótica verbo-visual*, chamada

carinhosamente de semiótica dos quadrinhos¹⁰ –, que se compõe de dois elementos: a palavra (domínio verbal) e a imagem/desenho (domínio visual).

Figura 6 - A semiótica dos quadrinhos e sua composição



Fonte: O autor

Ao analisarmos a imagem acima (Fig. 6), observamos que os gêneros textuais reconhecidos como quadrinho possuem uma significação verbo-visual. Em razão dessa significação particular, leitores e autores necessitam de uma habilidade de interpretação ou produção de texto específica, que conjuga elementos de ordem do domínio verbal e visual simultaneamente.

A partir dessa postulação, podemos dizer que todo texto reconhecido hoje como *quadrinho* apresenta a semiótica verbo-visual (ou semiótica dos quadrinhos). Ou seja, uma caricatura, por exemplo, é um gênero do discurso do domínio das artes que apresenta a semiótica dos quadrinhos. Na figura acima (Fig. 6), ele surgiria mais próximo do domínio do visual e nem por isso deixaria de ser considerado como um objeto de estudo da área de quadrinhos – como o fazem os conceitos de Eisner (1999), McCloud (1995) e Ramos (2009). A tira cômica, charge, o cartum, entre outros, a exemplo da caricatura, também seriam gêneros do discurso do domínio das artes que se utilizariam da semiótica verbo-visual (ou semiótica dos quadrinhos) para se constituir, e, por isso, também figurariam como objetos de estudo e investigação da área de quadrinhos. Muitos gêneros do domínio das artes, ainda sem nome, e, por isso mesmo, chamados apenas de *quadrinhos*, também poderiam ser analisados como objetos válidos.

Nossa postulação teórica preserva o entendimento dos quadrinhos como uma linguagem autônoma, mas tenta expandir o conceito para que outros objetos, ainda não estudados pela área mas

¹⁰ Mantivemos o nome *semiótica dos quadrinhos* para enfatizar que os gêneros textuais/discursivos que utilizam a semiótica verbo-visual são do domínio das artes gráficas em quadrinhos (ou quadros).

que podem ser incorporados na investigação científica. Do que discutimos, vale a pena destacar as colocações de Ramos (2009) ao afirmar que quadrinhos é um grande rótulo. De fato, concordamos com isso. Ainda assim, não concebemos teoricamente os quadrinhos como um hipergênero, mas como um nome dado a muitos gêneros textuais que ainda não foram configurados pelas ciências da linguagem e que utilizam o que chamamos de semiótica verbo-visual (ou dos quadrinhos). Nesse sentido, é necessário, cada vez mais, pesquisar sobre a natureza dos quadrinhos e dos gêneros que utilizam essa semiótica. Fazem-se pertinentes, portanto, pesquisas sobre a configuração dos gêneros multimodais do domínio das artes gráficas em quadrinhos (ou quadro). Esperamos que, no futuro, nossa construção possa ser, evidentemente, repensada e recolocada, para que os quadrinhos possam, cada vez mais, ser estudados da forma como merecem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa apresentamos os quadrinhos, desde o seu conceito, a sua importância e sua relação com a escola. Vimos que passaram de uma leitura imprópria para adolescentes e jovens (VERGUEIRO, 2009a), menor, com desenhos ruins, baratos e descartáveis (MCCLLOUD, 1995) a gêneros discursivos indicados pelos PCN para o trabalho com o texto em sala de aula. Isso se dá na medida em que os quadrinhos reúnem uma série de características favoráveis para o trabalho em sala de aula, como bem pontuou Vergueiro (2009a). Além disso, constituem hoje tema de pesquisa atual e cada vez mais presente como tema de trabalhos acadêmicos (RAMOS, 2012; VERGUEIRO, RAMOS, CHINEN, 2013). Destacamos ainda nessa seção diversos conceitos de quadrinhos, tal como os postulados por Eisner (1999), que vê os quadrinhos com uma arte sequencial; McCloud (1995), que os considera imagens pictóricas justapostas que sugerem uma sequência; e Ramos (2009), que entende os quadrinhos como um hipergênero. Somando a esses conceitos, argumentamos sobre a necessidade de um novo conceito que abarcasse outros gêneros, além daqueles que visam a narrar. Chegamos, portanto, à postulação do conceito de semiótica verbo-visual (ou dos quadrinhos). Acreditamos que *quadrinho é um campo semiótico, que se realiza em um contínuo de gêneros textuais/discursivos*. Logo, não se pode dizer que um texto é ou não *quadrinho*. Há, portanto, textos que, se reconhecidos socialmente como quadrinhos, realizam-se com maior ou com menor recorrência de elementos verbo-visuais da *linguagem dos quadrinhos*.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. Tese de doutorado. CAC, UFPE, Recife: 2006.

CASSIANO. **Retrato falado**. In: MACHADO, Aderbal. Polícia Civil caça assaltante da lotérica do Angeloni. Disponível em: <<http://aderbalmachado.blogspot.com/2009/09/policia-civil-caca-assaltante-da.html>>. Acesso em: 15 Mai. 2011.

CKM. **Ilustração**. In: MUNIZ, Maurício. Por que assistir Wolverine no cinema e não na cópia vazada?. In: Revista Mundo dos super-heróis. N° 16, Editora Europa, 2010, p. 98.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Tradução Luíza Carlos Borges. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCCLLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução Hércio de Carvalho; Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENDEZ, M. **Caricaturas e Caricaturados**. [S.I]: Editora, Tecnoprint S.A , 1986.

NEVES, M. H. de M. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEVEDO, J. C. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 52-73.

RAMOS, P. **Revolução no gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Devir, 2012.

_____. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

_____. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Tiras e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R; MOURA, E (orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 11-31.

ROJO, R; CORDEIRO, G. S. Gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modos de pensar, modos de fazer. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (orgs). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 07-18.

SIMÕES, A. C. **A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura.** Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010. 152p.

_____, GOMES, M. C. A. Panorama de estudos linguísticos sobre o suporte: proposições e debates. In: **GLÁUKS**, volume 11, nº1. 2011.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. VERGUEIRO, W; RAMA, A (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 7-29.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos uma “alfabetização” necessária. In: VERGUEIRO, W; RAMA, A (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3ed. 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 7-29.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P. (Orgs). **Quadrinhos na educação.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-41.

VERGUEIRO, W; RAMOS, P; CHINEN, N. Interseções acadêmicas: panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P; CHINEN, N. (Orgs). **Interseções acadêmicas: panorama das 1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos.** São Paulo: Criativo, 2013. p. 6-23.

_____. (Orgs). **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil.** 1ed. São Paulo: Criativo, 2013b.

WIKIPÉDIA. **The Spirit.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Spirit Acesso em Ago. 2015.

Submetido em: 13/10/2019. Aprovado em: 02/04/2020.